

Ilya Kabakov. Corredor-Para-O-Abismo *,

por Marta Cordeiro

* Publicado na revista Umbigo, N.31, 2009

RESUMO:

O artigo analisa a obra *Labyrinth (My Mother's Album)*, de Ilya Kabakov, através das relações que se estabelecem entre a instalação, a fotografia e a arqueologia da memória.

Palavras-Chave: Ilya Kabakov, fotografia, instalação, memória.

O panóptico de Jeremy Bentham é o projecto de uma prisão ideal, um espaço em que as celas dos prisioneiros, construídas numa matéria transparente (talvez em vidro, o “grau zero” dos materiais de que fala Baudrillard) circundam uma torre opaca de onde o guarda pode observar constantemente os ocupantes das celas, sem nunca ser visto. Este projecto é muitas vezes utilizado como metáfora para o controlo exercido sobre os cidadãos: a existência de um observador central que fiscaliza todos os ocupantes das celas e destes consegue as *performances* desejadas, sintetiza a ideia de uniformização de comportamentos baseada na unificação social através do recurso à sanção. A questão do panóptico é da ordem da visibilidade: passa a ser possível ao observador controlar os indivíduos a partir da monitorização dos mesmos; o indivíduo, por seu turno, não tem consciência dos momentos em que se encontra sujeito a essa visualização tendo, por esse motivo, de agir sempre em função da existência de um observador.

Os trabalhos de Ilya Kabakov, artista plástico que sofreu as consequências do regime estalinista, são documentos capazes de ilustrar, não o panóptico em si, mas o controlo exercido sobre o corpo. Quando Kabakov trata a temática da vida nos apartamentos comunitários, torna visível a falta de privacidade existente na União Soviética e, também, a forma como todos os habitantes dos apartamentos são constantemente vigiados pelos outros, podendo estes ser (ou não) colaboradores do sistema. Qualquer acção que pudesse afrontar o sistema era, dentro dos apartamentos, negada à partida, por não haver certezas quanto à existência de um informador no apartamento.

Em *Labyrinth (My Mother's Album)*, de 1990, que integra a exposição *Silêncios* – presente no Museu Berardo entre 2 de Novembro de 2009 e 10 de Janeiro de 2010 - Kabakov recria um apartamento comunitário a partir da construção de um espaço

labiríntico, um corredor com inúmeras portas que o espectador transpõe na esperança de alcançar um fim. Essa esperança não encontra resposta pois cada porta permite, apenas, alcançar uma outra, perpetuando a ideia de passagem, ou de uma caminhada sem destino.

As paredes estão pintadas de vermelho e existem marcas de degradação evidentes na tinta que deixa as paredes, no pó e areia que se acumula no chão, sinais que se juntam numa pequena sala situada sensivelmente a meio da instalação, numa pequena divisão com matérias e equipamentos utilizados na construção civil. Desta sala parte uma melodia (uma canção russa), entoada por Kabakov – o construtor –, que acompanha o espectador e deixa de se ouvir quando o visitante abandona o labirinto, saindo para um espaço negro.

Ao longo das paredes existem fotografias da vida da mãe de Kabakov, acompanhadas de textos que enfatizam a ideia de diário ou da construção de um documentário ficcionado acerca dessa passagem pela vida que não alcançou o fim prometido – o Céu ou o Paraíso terrestre. Estas fotografias desbotadas, gastas pelo tempo, asseguram a verdade das acções que documentam porque pertencem ao passado, a um tempo em que a fotografia era luz impressa e, também, porque apresentam toda a sua precariedade, sem retoques que lhes emprestem luz, cor ou definição. Elas testemunham instantes quotidianos da vida dos personagens, momentos como uma ida à praia ou um passeio de barco que, por serem comuns, podem pertencer a qualquer indivíduo, permitindo a apropriação deste álbum pelos espectadores. O visitante é convidado a testemunhar uma vida construída de pequenos fragmentos que activam as suas próprias memórias e esta relação – emoldurada pelo espaço em declínio e pelo embalo da voz – introduzem uma sensação nostálgica, semelhante à que decorre da visualização das suas próprias fotografias, na maioria dos casos lembranças de momentos felizes (“Já fui assim?”).

Entre cada fotografia, cada instante, sabemos existir um tempo, provavelmente o mais espesso, que se optou por não registar. E este *corredor- en- abyme* leva, literalmente, ao abismo, a uma morte sem glória ou final feliz que existe no negro da saída e, também, no negro da fotografia: «[A fotografia é] tão viva que se esforçam por a conceber (e esta fúria de “tornar vivo” só pode ser a denegação mítica de um receio da morte), a Foto é como um teatro primitivo, como um Quadro vivo, a figuração de um rosto imóvel e pintado sob o qual vemos os mortos.»¹

¹ BARTHES, Roland – **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70, 2006.

Bibliografia

BARTHES, Roland – **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70, 2006.